

O Sardão

BIBLIOTECA MUNICIPAL

DE BARCELLOS

Editor — Antonio Luiz Domingues

Director e proprietário

JOÃO DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. ANTONIO BARROSO

Composição e impressão

TYP. MINERVA-FAMALICÃO

Publica-se nos dias em que sahir

FOLHA ILLUSTRADA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

Redactores: Riffenho, Pepino, Fabião, Cagalhufas, Melias e Nabuco

MUNICIPIO DE BARCELLOS

BIBLIOTECA

2.º Anno

Barcellos, Fevereiro de 1911

N.º 11

Carnaval do Sardão

Amantes do progresso e sempre em dia com os avanços da sciencia, procuramos com ancia adquirir para a nossa estante todos os bons livros e, quando a bolsa se acha um pouco abonada, os modernos apparatus inventados para distracção e estudo da humanidade.

Todos os annos compramos os volumosos almanachs *Borda Leça*, *Borda d'Agua* e *Saragoçano*, pelos quaes nos regulamos durante o anno, bem como um conceituado relógio de sol que, mesmo nos dias de chuva, nos marca as horas, horas regulamentares de quem não sabe a quantas anda, e nos aponta o norte com a sua bussola por vezes desnortheastada.

Ora este anno, folheando o nosso querido *Borda Leça*, a primeira coisa que nos sobresaltou o espirito foi o Juizo do Anno, que nos dá o seguinte presagio: «O anno de 1911 entra ao domingo e será governado pelo Sol, o que nos trará um Inverno um tanto aspero, a Primavera será temperada, o Estio demasiado quente e o Outomno ventoso».

Ao lêrmos taes coisas ficamos horrorisados, pois não nos lembra que dentro d'estas quatro estações houvesse tanta calamidade. Parece que tudo anda fóra dos eixos. Não nos falla, e ainda bem, em nenhum cometa, mas diz-nos em compensação «que nascerão muitos doutores (por termos por cá poucos), pois que serão precisos para combater as febres que grassarão n'este anno,

as quaes ocasionarão grandes mortandades tanto nas crianças como nos adultos». *Vade retrò!*

Um pouco ainda duvidosos de tão funestos vaticinios, fomos consultar um lunario do tempo do nosso tataravô, que nos confirma tudo isso, acrescentando mais esta nota:

A que cousas inclina o Astro Sol

«Aos que domina o Sol, os inclina a terem e procurarem cargos, governos, e dignidades; e assim são aptos para Governadores, Regedores, e Prelados, para Capitães, e Mestres de Campo, para Pastores de homens, e de gados; finalmente são aptos, e capazes para toda a arte, e officio, que trata em sedas, ouro, e prata.»

Ficamos então o que se diz verdadeiramente desesperados e, sem saber o que fazer para esquecer todas as terriveis ameaças do Sol, reunimos todo o nosso pessoal em comicio particular resolvendo protestar energicamente e mostrar a esse figurão mysterioso, que tanto nos consola derretendo a neve que nos faz frieiras, que não lhe temos medo e até folgamos, apesar de todos os terrores annunciados e, muito principalmente, da inundação de Governadores, Regedores, Prelados, Capitães, Mestres de Campo, Pastores de homens e de gados, de quem em breve iremos ser victimas.

Mas de que fórma iríamos nós pôr em pratica esse plano?

Foi ainda o lunario que nos valeu.

Fomos vêr sobre que signo teria nascido o «Sardão», que co-

mo toda a gente sabe veio á luz por obra e graça do divino Trabalho Nosso, em 15 de Dezembro de 1909 e portanto sobre a influencia do signo de *Sagittario*, que começa a 23 de novembro. Este signo é figurado por um *Centauro*, que está atirando setas, o qual representa os effeitos que causa o Sol ao tempo que anda juntamente com este signo, que é lançar-nos chuvas, geadas, trovões, e raios. (S. Jeronymo! Santa Barbara Virgem!)

Folheando algumas paginas, vimos que o varão que nascer debaixo da subida d'este signo, será vergonhoso, affavel, honesto, e venturoso. Será inclinado a navegar, por onde virá a ter fazenda e padecerá damno por animal quadrupede e terá algumas enfermidades: a primeira aos 7 annos, a outra aos 18—esta é a peor—e outra aos 28; viverá conforme a sua natureza, 67 annos.

Ora já vêem os nossos leitores que a signa do *Sardão* não é de todo má, excepto aquelle damno por animal quadrupede, que julgamos já ter descoberto.

Em vista, pois, de tudo isto e do *Sagittario* não nos ser muito adverso, escolhemos o carnaval de 1911 para desafiar todas essas iras e rirmo-nos como quem nada teme, preparando grandes e ruidosos festejos para o dia 26 de fevereiro—Domingo Gordo, dia de S. Torquato, e para o dia 28—Terça-feira de Entrudo, dia de S. Romão, orago dos tecelões, e, portanto, de todo o diabo que as tece.

Oppurtunamente faremos o nosso programma, mas desde já aconselhamos ás damas barcel-

lenses que n'esses dias usem espartilho bem largo para poderem rir e que os chapéus tenham menos metro e meio de aba para não fazer muita sombra.

Já vêem, pois, os nossos leitores, sapientes e pacientes, o estudo que isto nos custou, o trabalho que nos custará, sem saberem (nem nós) o resultado que dará se a senhora chuva nos vier visitar.

Mas o caminho é para a frente, embora muita gente ande para trás, como o demonstra para gaudío nosso, o querido e monarchissimo collega *Barcellos*, jornal que actualmente está fazendo uma *brilhante figura* ao lado do seu e nosso collega não menos querido e apreciavel *Commercio de Barcellos*.

Muita animação, pois, que o *Carnaval do Sardão* vae ser um verdadeiro delirio.

Barcellinhos de Noite

Barcellinhos de noite?!—dirão os nossos leitores, admirados, ao lêrem as palavras que encabeçam este artigo—isso é engano...

E não é!...

Roubaram-nos a primitiva epigraphe, que agora se ostenta em outro quinzenario d'esta villa; apenas o *severo ladrão* o disfarçou um pouco trocando-lhe uma das palavras por um equivalente synonymo, á laia do facinora *melurias*, que para escapar sorrateiro á acção da justiça rapa com zêlo o bigode e as respectivas... carquejas.

Mas... paciencia; o que lá vae lá vae.

* * *

E' para Barcellinhos que eu encarreiro todas as noites os meus passos.

No fim da ponte, qual guarda vigilante sempre álerta, o carvalho lendario estende a rama n'uma indolencia molle, enquanto na capella em frente, o Zeca Camões, poeta de subido engenho e redactor de «A Mocidade», accende com mãos piedosas e com todo o carinho a lampada que de noite fica alumando á santa.

Deixemos o novel sachristão entregue ás suas beatificas occupações e sigâmos Rua Direita acima, na boa fé de quem vae subindo a ladeira pedregosa do Calvario, espreitando para um e outro lado á pesca de assumpto.

Na loja do Albino, quatro parceiros batem com furor as cartas no balcão jogando com tenacidade a *suéca*, doença moderna muito peculiar em *Barcellos* e *Barcellinhos*.

No Faria, um ex-illustre fidalgo de *espessa linhagem*, participa ao J. Maciel e ao *sê Caetaninho*, com voz pausada e possante, que encontrou n'um in-folio antigo o verdadeiro ramo genealogico de não sei que illustre varão, o que lhe custou trabalhos insanos e noites mal dormidas.

Pobre moço!...

Mas o que mais desperta a nossa attenção e por certo de quem lá passa, é a vitrine do Portella, 2.^a edição correcta e augmentada de uma que teve cá na villa.

E' um verdadeiro museu.

Desde o mal cavacado boneco de Prado até á luxuosa bengalinha de pau santo com castão de marfim—modelo muito usado no tempo da Maria da Fonte—tudo alli se encontra. Por exemplo:

Punhos para guarda-chuvas, limões, caixas de rapé, bichinhas de rabião, piões, amendoas já desbotadas pela acção do tempo, nozes, gaiolas para grillos, etc. etc., o que faria com certeza a fortuna de um *bric-à-brac* que por alli tivesse a ventura de passar.

Em frente o Pedrinho Barbosa, bate com alma o cabedal, assobiando que nem um melro, um trecho da *Portuguezza*, sem se lembrar que melindra as velhas crenças de D. Affonso Henriques, que de mão no punho da espada e de olhar carrancudo, o contempla do alto do cartaz que está pregado na parede.

E como a lua vae rompendo por detrás das Torres, envolvendo tudo n'uma luz ambigua, mas clara, nós que sempre gostamos de viver nas trevas para que nos não vejam, recolhemo-nos a penates, deixando para o proximo numero o seguimento da narração que nos propozemos fazer.

O Sardão

De onde vens? Venho da borgia.
Quem te conduz? Quem quizer.
Que procuras? Um buraco.
Que lhe levas? O prazer.

Quem te envia? O desejo.
E onde vaes? A uma toca.
Quem soccorres? As mulheres.
Quem te espera? A rapioca.

Quem te maldiz? O fanado.
Quem te ignora? A innocencia.
Quem te sorri? O amor.
Quem te implora? Vossencia.

Quem te rodeia? A floresta.
Quem te educou? O senhor.
Quem te guia? O meu estado.
Quem te incita? O calor.

Silhueta

Quem é que em noticias tendo
Que ha por'hi velha rica,
Para ver se herdeiro fica
Seu confessor ficou sendo?

Côres da Bandeira

A' similhaça do que fizemos para a questão do côrte das arvores, pedimos tambem a alguns cidadãos barcellenses a sua opinião sobre as côres da novas bandeira nacional e, é claro, aos nossos imprescindiveis jornaes e jornalistas locaes.

Eis o que podémos obter, não dispensando a nossa opinião:

1.º

A bandeira deve ter a côr da maçã camoeza, embora não tenha o mesmo sabor, o que é pena.

J. B.

2.º

As côres da bandeira devem ser... ainda não sabemos definitivamente, mas procuraremos orientar-nos. Já estivemos mais longe.

Radical.

3.º

A bandeira deve ser da côr da tunica do Senhor dos Passos, tendo como emblema um *circulo*.

P.º L.

4.º

A bandeira deve ser azul e branca, tendo como emblema duas muletas cruzadas que representam os martyrios do Senhor... José Luciano.

Commercio de Barcellos.

5.º

A bandeira deve ser *incolor, inodora e insipida*.

P. de Faria.

6.º

A bandeira deve ser da côr... do forro do meu casaco.

A. C.

7.º

Se querem uma bandeira bonita e *prometedora* façam-n'a da côr do manto da imagem do Coração de Maria.

Barcellos Monarchico.

8.º

A bandeira deve ser côr de burro quando foge, ou da côr azulada d'uns celebres relampagos...

Folha da Manhã.

9.º

A bandeira deve ser lustrosa pela frente, e azul e branca por detrás.

Barcellos Revista.

10.º

A bandeira deve ter uma côr *extra-vagante* e fóra de toda a *crítica*.

G. A.

11.º

A bandeira deve ser toda branca, com um ou outro rajo azul, podendo os cantos serem vermelhos e o centro verde, verde côr da esperança e dos olhos da Joanninha do Garrett.

Assim encerra todas as côres, que é o que convem.

Era Nova.

12.º

A bandeira devem ter a côr do sol e o brilho das estrellas.

Mocidade.

13.º

Dêem á bandeira a côr do mar d'Apulia e... se alguém não percebeu, que percebesse.

Virgilio.

14.º

As côres da bandeira pouco me importam; o que se quer é que o panno seja da qualidade de um que sei fabricar, para que não lhe possa entrar *certa traça*.

J. C.

15.º

A bandeira deverá ser, em côres, a *antitése*, ou melhor dito, a *antitise* da outra. Isto é, pôde ser da côr d'uns punhos novos que comprei.

J. de C.

16.º

A bandeira deve ter as côres do arco iris.

Zé Calisto.

17.º

Façam a bandeira da côr aparvalhada da minha porta.

João Maluco.

18.º

A bandeira deve ser toda vorde, que é a côr dos lagartos, tendo ao meio, em côr natural, e como emblema, as armas de S. Francisco.

O Sardão.

Solução

O sr. Virgilio mandou-nos a seguinte carta:

Meus caros:

O problema do vosso ultimo numero que quereis eu resolva, promptamente estará solucionado se conseguirdes fazer umas pequenas obras no açude de Marcees elevando-o á altura das Torres, para que a agua não possa passar e assim prêsa, não me será difficil resolver o problema.

A's vossas ordens para o que vos não seja preciso.

Virgilio

Vistas as difficuldades que ha em pôr isto em pratica desistimos do nosso proposito, agradecendo ao sr. Virgilio a sua amavel carta promettendo-lhe, porque é bom rapaz, não mais o incommodarmos.

Discurso Rocambolesco

Uma noite caliginosa — A grande similhaça entre um incendio e uma trovoadá. — Um homem em perigo e um pinheiro em terra. — Relampagos, faiscas e o diabo a quatro.

Tivemos sempre, desde o inicio de «O Sardão», a predilecção constante de colleccionar, tanto no nosso Museu como nas columnas d'este jornal, tudo quanto de bom e apreciavel fosse vendendo e ouvindo. Assim como o nosso amigo sr. Cagalhufas se dedica ao commercio de trastes antigos em que emprega os seus capitaes, assim como varios patricios nossos, á quinta-feira, expõem á venda celebres e deslumbrantes collecções de ferros velhos e tudo o que em outros tempos foi utilisavel, nós tambem, com amor igual ao d'elles pelas preciosidades, não deixamos escapar nada que possa vir instruir e deleitar os nossos leitores amigos.

Verdade é que gastamos com isso boas sommas, pois o numeroso pessoal de que dispomos para a reportagem, os automoveis que possuímos para ir longe colher uma ou outra informação, os aereoplanos que nos chegaram de Paris, e todas as demais porcarias de que necessita um bom jornal, arruinam os nossos cofres.

Mas... *Deus super omnia*, e de olhos fitos no nosso ideal seguimos sempre intransigentes como qualquer besta monarchica, não nos importando com a critica elevada e digna que nos façam, nem com os elogios baixos e deprimentes que nos dispensam, muitas vezes, os atingidos.

Tudo isto vem a proposito do discurso de que hoje damos um extracto e que, na opinião do mais litterato collega da nossa redacção, é a mais phenomenal, grandiosa, admiravel, elevada, sublime, eloquente e magistral peça oratoria que n'este seculo foi dado a admirar aos pobres lusos.

Segundo informações que tivemos pela agencia *Favas*, esta notavel obra começou a germinar no estrangeiro, alli se foi formando e, já em embryão, reformou-se no nosso paiz, chegando a Barcellos ha poucos mezes com uma bagagem á primeira vista duvidosa, mas que, agora bem clara e dando a prova do que se suppunha, não pôde admittir duvidas, com o que muito folgamos e muito se rejubila o *Sardão*.

Vamos pois sem mais preambulos passar a dar aos nossos leitores a celeberrima obra-prima em questão, embora um pouco resunida por a isso se oppôr o tamanho do nosso jornal e termos de publicar ainda outras não menos notaveis.

No dia 6 de janeiro de 1911 celebrou-se o vigesimo setimo anniversario da fundação da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos, realizando-se por isso

uma sessão solemne em que tomaram parte varios oradores. Foi ahi que ouvimos, com ligeiras alterações, este ribombante, faiscante e arrombante discurso:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Caminhava eu ao caír da tarde de um certo dia, não sei já para onde nem com que destino, por uma estrada deserta, sitio feio, tetrico, sombrio como qualquer sitio onde não dá sol. O ar abafava mas eu respirava bem; no céu acastellavam-se nuvens cyclicas como o Paes de Faria e d'aspecto carrancudo como a imagem do Coração de Jesus, annunciando enorme tempestade.

Eu levava já um d'estes cagaços que... não lhes digo nada, e o raio do caminho ia *rendendo... rendendo*, desenrolando-se ante mim como a fita cynematographica da vida, milagres, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo.

Havia já caído a noite, noite escura e tenebrosa, cortada de quando em quando por sinistros e pavorosos relampagos muito peores que os do Albino, rasgando as trevas com uma luz azulada que vinha mostrar aos meus espantados olhos o desolado terreno em que me encontrava. Pensei muitas vezes que aquella noite era igual ou muito parecida á noite do Calvario, segundo no-la descrevem os livros sacros que tanto li nos meus tempos de seminário.

Sentia-me cansado e abatido, faltando só saír-me um lobo ou uma quadrilha de ladrões para completar o quadro, quando divisei ao longe, muito ao longe, uma casinha de aspecto muito pobre em que eu já via um abrigo contra as furias da tempestade que ia agora *recredescendo*.

Fui-me approximando e estava já á distancia de um passo. Quiz bater á porta mas a ancia que tinha de chegar ao termo da viagem fez com que corajosamente retomasse o caminho.

Começára a chover e o ribombar dos trovões era ininterrupto.

Tremiam-me as pernas e havia dado poucos passos quando de subito uma fita diabolica, de fogo, cortou em rapidos zigzags a atmospherá, acompanhada de um estalido medonho, muito maior que o matar de uma pulga, indo impiedosa derrubar um pinheiro já velho e um pouco torto que tombou com sussurro igual ao *baquear de um morto!*

Puzeram-se-me os cabellos de pé, desfez-se-me o laço da gravata, perdi a bengala, caíram-me os tacões das botas e, n'esta triste posição, vi que tudo aquillo era similhante a um incendio! E... palavra d'honra que foi!

Eu não sei se com uma boa agulheta se podem evitar coisas d'estas, mas lá que foi medonho... foi!

Por isto eu avalio quanto são benemeritos os nos-os bombeiros, os bombeiros que por entre chammás devoradoras arriscam a vida e se sujeitam a discursos d'este calibre, umas vezes para salvar os seus similhantes e outras para lhes serem agradaveis. E tenho dito.

Nota da redacção: Ahi fica o discurso para ser estudado, meditado e pensado.

Não sabemos se o homem com todas estas intemperies e depois da queda do pi-

nheiro torto com sussurro igual ao *baquear de um morto*, chegou ao termo da jornada.

O pinheiro, dizem uns que veio para a fabrica, e outros que foi reduzido a achas.

Tableau: O homem encontrava-se nas barreiras da avenida do cemiterio e a casa a cuja porta elle quiz bater, era o chalet do sr. Serra Micaca!

Os relampagos era a lampada auto-lux vista por entre as columnas e pyramides das obras!

E o caminho ia rendendo... rendendo... Sempre ha cada confusão!!!



O que é o amor

Innoffensiva resposta d'um entendido

Escreve-nos uma dama barcellense, de quem, como é nosso dever, não publicamos o nome, perguntando-nos o que é o amor.

Pouco aptos a responder a S. Ex.^a porque os redactores do «Sardão», são sardões como muito bem sabe, e por conseguinte não se prendem com essas pieguices amorosas, mas sim com.....

Porém, para lhe sermos agradaveis e porque isso é um dever de *officio*, mandamos um dos nossos numerosissimos reporteres entrevistar o grande sabio n'esses assumptos, sir Alonso, importante banqueiro e um dos parlamentares de maior *belleza* da Grã-Bretanha.

Recebeu cortezmente o nosso enviado e apóz fluegmaticas considerações, acabou por dizer que o amor era uma coisa inexplicavel, mas que emfim sempre a ia explicar.

O amor!... O amor! *O amor!*—affirma o nosso interlocutor—é no sentido reservado da palavra «uma congestão cerebral benigna de que o sexo se pôde curar com *dieta*, *sanguesuga* ou *sangria*»

Assim julgamos ter desempenhado o pedido com que S. Exc.^a nos honrou, e no caso de adoptar a referida resposta, com a exclusão da *dieta*, pedimos-lhe

que nos ocupe, pois temos já todos os preparativos exigiveis para esse fim... ..O Sardão.

Programma dos grandiosos, Espalhafatosos e algo Buliçosos Festejos Carnavalescos, nos dias 26, 27 e 28 de Fevereiro de 1911.

DIA 26

A's 8 horas da manhã, por não poder ser mais cedo, maviosa e enternecedora alvorada, de que ninguem terá medo, por doze eximios Zés P'reiras, que commoverão até ás lagrimas as patroas e as sopeiras e, se não estiverem deitados, os patrões e os creados.

A's 10 horas *Gigantones e Cabezudos*, enormes e taludos, percorrerão as ruas e viellas, fazendo vir tudo ás janellas, acompanhados de harmoniosos bombos que produzirão nos ouvidos verdadeiros rombos.

A's 10 e meia, chegada dos galantes tunantes d'enormes cabelleiras, estudantes na terra das frigideiras.

Ao meio dia cada qual poderá ir jantar a sua casa e apparecer depois com um grãosinho na aza.

A's 4 horas, sem grandes demoras, organisar-se-ha, de flores, uma rija batalha em que não faltará metralha, sendo os combatentes conduzidos em carros engalanados, por burros puxados, e muito adequados á festa que poderá, por descuido, fazer gallo em muita testa.

As gentis damas formosas, graciosas, donairosas, mimosas, bellicosas, primorosas e muitas mais coisas em ão, como: fascinação, alucinação, paixão, seducção, attracção, etc., apparecerão muito bem postinhas e travadinhas, atirando, com as suas mãosinhas pequeninhas, as perfumadas florinhas que irão direitinhas ferir os peitinhos a varios sujeitinhos causando-lhes perturbaçõesinhas nos coraçãoesinhos apaixonadinhos.

A's 8 horas da noite, ninguem se acoite. Haverá no Gil Vicente pela Tuna Academica de Braga um espectáculo a que é preciso ir muita gente para jogar, brincar, rir e folgar, tendo que distinguir-se as meninas no jogo das serpentinhas e, em seguida a tudo isto, como caso nunca visto, um baile de mascaradas que, para quem não fôr exquisito, não ha nada mais bonito.

DIA 27

Será este o dia de maior folia.

Por estar causada a rapaziada, não haverá nada.

DIA 28

De manhã surpresas da maleita na rua Direita, coisas phenomenaes no Largo Zé Novaes e, para quem fôr mais pobre, qualquer coisa na Porta Nobre.

A's 2 horas da tarde, com grande alarde, uma tezissima tourada carnavalesca na respectiva praça, em que serão lida-

dos cinco feros touros de optima raça, sendo dois á Pae Paulino, dois para qualquer amator *menino* e um para ser montado por um afficionado muito arrojado e alentado, que facilmente será descarregado.

Depois dos bois, musica e brincadeiras rapioqueiras, parodias, muita alegria, muita folia e o diabo feito vacca.

Muita serpentina, muito confetti, tudo no meio do maior charivari, que fechará pela sua animação toda esta pagodetica reinação promovida pelo *Sardão*.

N. B.—Tinham de ser mais variadas os nossos festejos, pois contavamos dar, nos tres dias de Carnaval, varias sessões de animatographo, cujas fitas causariam o maior successo. Para isso tinhamos já elaborado o seguinte programma:

ANIMATOGRAPHO

Salão da Pepineira

Hoje domingo, segunda e terça feira!

Deslumbrantes quadros a côres e em tamanho natural.

O maior successo da actualidade. Fitas das mais variadas e das mais celebradas.

PROGRAMMA

A Revolução Rochinha.—Festa da cebola e inauguração da sua vasta sala.—Doutores ao sócco (*scena de pungilato*).—Entrevista do «Barcellos Revista», a sua Cantina escolar, e a elevação da estação a 1.^a classe.

Touradas de amadores.—O cometa de Halley e os seus effeitos em Barcellos.—Um tolo e um finorio explorando S. João.—Eleições e automoveis.—Criticos sem cabresto.—Iluminação á padroeira e conferencia bacchica em honra da mesma.—O auto-lux e seus technicos.—Um discurso-conto.—Viagem tragica d'uns garrafões.—Uma charrette torpedeiro.—A sorte grande em Barcellos.—Setecentas pistolas sem baptismo.—Porque sômos monarchicos e porque a monarchia era já cadaver quando em 5 de outubro desceu á ultima jazida.—Adhesões e adhesivos.—Instalação de um relógio na torre dos Terceiros.—Transferencia do cidadão imberbe.—Jornaes, jornaesinhos e jornaleços, etc. etc.

Principia ás 8 horas da noite. Ha rebuçados d'avenca á venda no largo da Calçada.

Bilhetes: a seis ao vintem.

Era este um dos numeros que havia de causar maior sensação mas, por um desarranjo no motor, que nos deixou *banzados*, não o podemos cumprir.

Comtudo, o que vamos fazer já não é pouco e por isso,

Saude e Bichas.